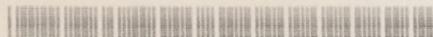


CALDEIRA FILHO. Municipal aplaude conjunto campineiro. O Estado de São Paulo, São Paulo, 17 nov. 1977.

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE029960

## Municipal aplaude conjunto campineiro

*O Estado*  
17-11-77

**CALDEIRA FILHO**

ORQUESTRA SINFONICA MUNICIPAL DE CAMPINAS — Programa: Beethoven, Nona Sinfonia. Solistas: soprano Niza Tank; contralto Helly-Anne Caram; tenor Luiz Tenaglia e baixo Fernando Carvalhaes. Corais Coralusp, Coral Unicamp, Arte Vocal de Ribeirão Preto e Cuca-Coral de Universitários da Católica. Regente Maestro Benito Juarez - Secretaria Municipal de Cultura de Campinas. 15.11.77 - Teatro Municipal.

Benito Juarez mostrou ter entendido que toda obra de arte é, de certo modo, autobiográfica. Poderá, eventualmente, sê-lo apenas materialmente. Mas, na realidade, o é espiritualmente. O conteúdo humano ali vibrante é o próprio autor que se fez música, é a sua vontade que se fez forma, é o seu amor que se fez sinfonia, e é a sua ansia de eternidade que a fez universal e o faz continuar vivo e, mais do que isso, continuar a ser amado e desejado a século e meio de sua extinção física. Tempo e espaço já não contam mais. Ele é de todos os tempos e de todos os homens. Do mesmo modo a interpretação, no sentido profundo do termo, só é possível quando o intérprete também se faz presente na execução atualizando através dela suas potencialidades humanas, sua sensibilidade artística, a criatividade, incorporando enfim à execução toda a sua musicalidade, vivendo em seu próprio ser aquilo que o autor manifestou por meio da obra de arte que criou. Na execução senti a vivência de Benito Juarez, suas reações aos estímulos estéticos, a ação criadora, a existência, enfim, de uma idéia a guiar-lhe a vitalidade dos gestos, a comunicabilidade do comando. Benito Juarez inseriu Beethoven em nossa temporalidade — ele é de sempre — em nossa própria dimensão estética — ele é de todos os homens —. Isto significa inteira apropriação do fundo e da forma dessa obra imortal, e a

reconstituiu, ou melhor, a recriou insuflando com seu gesto criador à matéria morta da partitura, a exemplo do que foi feito no início dos tempos, o sopro de vida que a tornou sensível para nós.

Assinalamos o equilíbrio e a discrição no campo da dinâmica, a sensibilidade ao valor expressivo das modulações, os altos e baixos relevos esculpidos no fundo sonoro geral segundo a funcionalidade temática, a nobreza das linhas melódicas, por vezes realmente suntuosas e solenes. Faço minhas as palavras de Enio Squeff (Estado, edição de 13.11.77) quando após referir-se a algumas deficiências iniciais, destaca o êxito obtido em apresentações anteriores, e pergunta: "Milagre? A interrogação não deixa de ser pertinente. Formada por uma esmagadora maioria de jovens musicistas brasileiros, a Sinfônica de Campinas não escamoteia suas origens quase amadorísticas. E para qualquer observador mais experiente, é transparente o esforço com que regente e orquestra se lançam às mais comezinhas tarefas."

Como quer que seja, o conjunto mostrou-se à altura da tarefa, aceitou o desafio e venceu. Entre os muitos méritos, mencionamos a segurança de execução dos diferentes naipes, o belo recitativo dos violoncelos, ao que se junta a homogeneidade dos coros. As coisas estão porém no início, e por isso tudo é susceptível de aperfeiçoamento. Mas, começar assim, é algo digno de nota. Os solistas deram também desempenho cabal às respectivas partes, não obstante as dificuldades nelas presentes.

O Municipal parecia estourar de tanta gente. Ao término da execução o público explodiu em ovações realmente triunfais e pode-se dizer que Benito Juarez viveu então a sua Noite Transfigurada.